

Opinião: nossa imagem no Exterior é péssima.

— O quadro de deterioração do Brasil no Exterior nunca foi tão grave.

A afirmação é do professor Luciano Coutinho, da Unicamp, para quem a imagem do País no Exterior se deteriora cada vez mais e pode até levá-lo a uma situação de colapso não intencional, dada a forma como a crise vem sendo administrada.

Luciano Coutinho entende que a falta de credibilidade das autoridades econômicas, também no Exterior, vem prejudicando extremamente o País. Ele acha que a viagem do ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central aos Estados Unidos não passa de mera encenação, na tentativa de tranquilizar os banqueiros ante a insolvência técnica do Brasil, que já vem atrasando juros por mais de 60 dias.

Em sua opinião, o encontro, hoje, em Nova York, de Galvêas e Pastore com o comitê assessor que renegocia a dívida externa brasileira não terá qualquer divergência ou choque, porque as autoridades brasileiras aceitaram todas as condições de renegociação impostas pelos banqueiros. E isso, adverte, é grave porque obriga o País a transferir todo o saldo comercial que vem alcançando, sem que antes recupere um mínimo de reservas!

Coutinho adverte também para o problema de escassez de crédito para as importações, o que pode levar a curto prazo a praticamente inviabilizar a produção de alguns setores. Conforme o professor da Unicamp, o pior de tudo é a forma como a crise vem sendo administrada, e a incapacidade das autoridades econômicas brasileiras em conseguirem estabelecer condições mais honrosas de negociação com os credores externos.

Já o ex-ministro da Indústria e do Comércio, Ângelo Calmon de Sá, disse ontem que o cumprimento da meta inflacionária de 55% no ano que vem, definida com o Fundo Monetário Internacional, só depende do governo e das medidas que vierem a ser adotadas nesse sentido. Ele acredita que a taxa acertada com o FMI não só é passível de ser alcançada como também é desejável, mas que o País não pode imaginar um número mágico e persegui-lo, depois de constatar sua inviabilidade.

Calmon de Sá afirmou que o programa negociado pelo governo com os técnicos do Fundo representa um esforço muito grande da sociedade brasileira, mas, em compensação, permitirá ao País reduzir à metade o déficit público em 1984. Na sua opinião, contudo, não será possível conseguir a queda dos índices inflacionários na forma que se deseja.

Por sua vez, os presidentes das Federações das Indústrias do Rio Grande do Sul, Luiz Octávio Vieira, e das Associações Comerciais, César Rogério Valente, voltaram a defender ontem à noite, em Porto Alegre, a retomada do crescimento econômico, tendo como ponto de partida uma ampla renegociação da dívida externa, de governo a governo. Ao participar de um seminário de debates econômicos, eles consideraram inaceitável que se prolongue por mais tempo a política recessiva do governo, devido aos altos custos sociais e aos prejuízos a todos os setores da economia.

Octávio Vieira ressaltou que no primeiro semestre deste ano, em relação ao mesmo período de 1982, aprofundou-se consideravelmente a recessão no setor industrial, o nível de compras caiu 22%, o nível de vendas reduziu-se 14% e o de pessoal empregado, 4,6%. A medida de ociosidade das indústrias está em 30%, e no setor de bens de capital a situação é dramática: apenas cerca de 30 a 35% da capacidade instalada está em operação.